



O mundo da moda cancelou a cultura do cancelamento?



O ESTADO DE S. PAULO
SEXTA-FEIRA
19 DE ABRIL DE 2024

A24



Cinema

Terra arrasada

Filme 'Guerra Civil' imagina uma sociedade tomada pelo ódio

Kirsten Dunst
como a fotorepórter
de guerra Lee Smith

CHRISTOPHER KUO
THE NEW YORK TIMES

Um dos momentos mais perturbadores no novo filme de Alex Garland, *Guerra Civil*, que acaba de chegar aos cinemas, vem na forma de uma pergunta. Um soldado, com o dedo no gatilho do rifle, confronta um grupo de jornalistas aterrorizados: "Que tipo de americano você é?", ele pergunta.

Essa questão e o impulso subliminar dela de dividir e demonizar estão no coração do motivo pelo qual Garland fez um filme muito aguardado e já bastante debatido sobre a implosão dos EUA. *Guerra Civil* adverte contra os perigos do extremismo sectário, diz Garland, assim como mostra o que pode acontecer quando cidadãos americanos, ou qualquer outro grupo de pessoas, se voltam contra si mesmos.

"Eu acho que a guerra civil é apenas uma extensão de uma situação", afirma o britânico Garland, de 53 anos, responsável por filmes como *Ex Machina*, *Instinto Artificial* e *Men: Faces do Me-*

do. "Essa situação é a polarização e a falta de forças limitadoras sobre a polarização."

No filme, as divisões dos Estados Unidos irromperam os céus e explosões abalam grandes cidades enquanto as forças ocidentais secessionistas, incluindo aquelas do Texas e da Califórnia, avançam sobre o presidente, um autoritário de três mandatos que dissolveu o FBI e lançou ataques aéreos contra outros americanos.

Se a polarização é um dos venenos causando esse conflito, Garland vê o trabalho de uma imprensa livre e independente como um dos antídotos. O filme dele imagina o quarto poder como um freio ao extremismo e ao autoritarismo. "Eu quis colocar a imprensa como os heróis", afirma o diretor.

Os heróis, neste caso, incluem a experiente fotógrafa de guerra Lee Smith (Kirsten Dunst); uma aspirante a fotorepórter, Jessie Cullen (Cai-

lee Spaeny); assim como jornalistas interpretados por Wagner Moura e Stephen McKinley Henderson. À medida que viajam a Washington, para entrevistar o presidente, o filme mostra os Estados Unidos devastados pela guerra através das lentes de suas câmeras.

Inicialmente, Jessie se retrai ante as atrocidades que vê, mas sob a tutela de Lee ela se

transforma no tipo de jornalista que Garland admira: alguém que pode registrar a morte e a destruição sem interferir ou julgar. Mas a transformação é corajosa ou desumanizadora? Quantas monstruosidades pode alguém observar passivamente sem se tornar um monstro?

Garland parece apreciar essas complexidades. "O filme apresenta repórteres à moda antiga, em oposição a jornalistas extremamente tendenciosos que estão essencialmente produzindo propaganda. O filme tenta funcionar como esses repórteres. Um dos jorna-

listas é muito jovem, mas eles estão usando uma câmera de 35 mm, que é o meio do fotojornalismo de uma época em que a função social da mídia era mais plenamente compreendida e apoiada."

"Eu disse a alguém que trabalha na indústria cinematográfica: quero fazer um filme sobre jornalistas no qual os jornalistas sejam os heróis. E me disseram: não faça isso, todo mundo odeia jornalistas. Isso representa um problema realmente profundo. Dizer que você odeia jornalistas é como dizer que você odeia médicos. Você precisa de médicos. Não é realmente uma questão de você gostar ou não gostar de jornalistas, você precisa deles, porque eles são o freio e contrapeso do governo."

FREIOS. Garland define o longa como uma produção sobre "freios e contrapesos", ou seja, sobre "polarização, divisão, e também sobre a maneira como a política populista leva ao extremismo, onde o próprio extremismo vai acabar".

Mas, ao imaginar sua guerra civil, Garland não a coloca

explicitamente como um conflito entre liberais e conservadores – ainda que a polarização, como ele próprio diz, seja um tema importante do longa. "Fazer isso seria afirmar que essa é uma questão que só se relaciona a esse país, mas não é. Você pode vê-la agora se desenrolando em Israel. Você pode vê-la acontecendo na Ásia, América do Sul, Europa; você pode vê-la no meu próprio país", explica.

"Agora, se alguém está falando sobre polarização, extremismo, quarto poder, todas essas coisas, seria sábio fazer uma conversa republicano-democrata que imediatamente bloqueia a outra metade? Isso seria verdadeiro? Não pode ser inteiramente verdade, porque, caso contrário, não se aplicaria a todos esses outros países. Agora, eu entendo por que as pessoas querem que seja assim, exatamente pelo motivo de algumas organizações de notícias terem sido tão bem-sucedidas, que é se você pregar para a plateia, a plateia aplaude." ●

LEIA ENTREVISTA COM O ATOR WAGNER MOURA, QUE ATUA NO LONGA, NA PÁGINA C3

Sextou!

P
prescrever